

O Livro dos Médiuns



Allan Kardec

PARTE II – CAPÍTULO XI
Sematologia e tiptologia.

Índice

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XI)

Assunto	Origem	Pagina
01. Sematologia e Tiptologia	O Livro dos Médiuns	03
Sematologia e Tiptologia	Centro Espírita Batuíra	06

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XI)

Parte II – Das manifestações Espíritas.

Capítulo XI – Sematologia e Tiptologia.

01. Sematologia e Tiptologia

139. As primeiras comunicações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas, ou da tiptologia. Muito limitados eram os recursos que oferecia esse meio primitivo, que se ressentia de estar na infância a arte, tudo se reduzindo, nas comunicações, a, respostas monossilábicas, por — sim, ou — não, mediante convencional número de pancadas. Mais tarde, foi aperfeiçoado, como já dissemos.

De duas maneiras se obtêm as pancadas, com médiuns especiais. Esse modo de operar demanda certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, a que se poderia chamar tiptologia por meio de básculo, consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo com um dos pés. Basta para isso que o médium lhe ponha a mão na borda. Se se quiser confabular com determinado Espírito, será necessário evocá-lo. No caso contrário, manifesta-se o primeiro que chegue, ou o que tenha o costume de apresentar-se. Tendo convencional, por exemplo — que uma pancada significará — sim e duas pancadas — não, ou vice-versa, indiferentemente, o experimentador dirigirá ao Espírito as perguntas que quiser. Veremos adiante quais as de que cumpre se abstenha. O inconveniente está na brevidade das respostas e na dificuldade de formular a pergunta de modo a dar lugar a um sim, ou a um não. Suponhamos se pergunte ao Espírito: que desejas? Ele não poderá responder senão com uma frase. Será preciso então dizer: desejas isto? Não. — Aquilo? Sim. Assim por diante.

140. É de notar-se que, quando se emprega esse meio, o Espírito usa também de uma espécie de mímica, isto é, exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também exprime a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo repetidamente fortes pancadas, como uma pessoa que bate arrebatadamente com os pés, chegando às vezes a atirar ao chão a mesa. Se é amável e delicado, inclina, no começo e no fim da sessão, a mesa, à guisa de saudação. Se quer dirigir-se diretamente a um dos assistentes, para ele encaminha a mesa com brandura, ou violência, conforme deseje testemunhar-lhe afeição, ou antipatia. Essa, propriamente falando, a sematologia, ou linguagem dos sinais como a tiptologia é a linguagem das pancadas. Eis aqui um exemplo notável do emprego espontâneo da sematologia.

Um dia, na sua sala de visitas, onde muitas pessoas se ocupavam com as manifestações, um senhor do nosso conhecimento recebeu uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesa que servia para as experiências veio repentinamente colocar-se-lhe ao lado. Concluída a leitura da carta, ele a foi colocar sobre uma outra mesa, do lado oposto da sala. Aquela mesa o acompanhou e se dirigiu para onde estava a carta. Surpreendido com essa coincidência, calculou o destinatário da carta que entre esta e aquele movimento alguma relação havia e interrogou a respeito o Espírito, que respondeu ser o nosso Espírito familiar. Informado do ocorrido, perguntamos, por nossa vez, a esse Espírito qual o motivo da visita que fizera àquele senhor. A resposta foi: “É natural que eu visite as pessoas com que te achas em relações, a fim de poder, se for preciso, dar-te, assim como a elas, os avisos necessários.”

É, pois, evidente que o Espírito quisera chamar a atenção da pessoa a quem nos referimos e procurava uma ocasião de cientificá-la de que estava lá. Um mudo não se houvera conduzido melhor

141. Não tardou que a tiptologia se aperfeiçoasse e enriquecesse com um meio de comunicação mais completo, o da tiptologia alfabética, que consiste em serem as letras do alfabeto indicadas

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XI)

por pancadas. Podem obter-se então palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o **a**, duas pancadas para o **b**, e assim por diante. Enquanto isto, uma pessoa irá escrevendo as letras, à medida que forem sendo designadas. O Espírito faz sentir que terminou, usando de um sinal que se haja convencionado.

Como se vê, este modo de operar é muito lento e consome longo tempo para as comunicações de certa extensão. Entretanto, pessoas há que têm tido a paciência de se utilizarem dele, para obter ditados de muitas páginas. Porém, a prática levou à descoberta de abreviaturas, que permitiram trabalhar-se com maior rapidez. A de uso mais frequente consiste em colocar o experimentador, diante de si, um alfabeto e a série dos algarismos indicadores das unidades. Estando o médium à mesa, uma outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, se se trata de obter uma palavra, ou a série dos algarismos, se de um número. Apontada a letra que serve, a mesa, por si mesma, bate uma pancada e escreve-se a letra. Recomeça-se a operação para obter-se a segunda, depois a terceira letra e assim sucessivamente. Se tiver havido engano em alguma letra, o Espírito previne, fazendo a mesa dar repetidas pancadas, ou produzir um movimento especial, e recomeça-se. Com o hábito, chega-se a andar bem depressa. Mas, adivinhando o fim de uma palavra começada e com a qual se pode atinar pelo sentido da frase, é como, sobretudo, se consegue abreviar de muito a comunicação. Em havendo incerteza, pergunta-se ao Espírito se foi esta ou aquela palavra a que ele quis empregar e o Espírito responde sim, ou não.

142. Todos os efeitos que acabamos de indicar podem obter-se de maneira ainda mais simples, por meio de pancadas produzidas na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento, processo que já descrevemos no capítulo das manifestações físicas, número 64. É a tipologia interior. Nem todos os médiuns são igualmente aptos às manifestações deste último gênero. Muitos há que só obtêm as pancadas pelo movimento basculatório da mesa. Contudo, exercitando-se, podem eles, em sua maioria, chegar a consegui-las daquela maneira, que tem a dupla vantagem de ser mais rápida e de oferecer menos azo à suspeita do que o básculo, que se pode atribuir a uma pressão voluntária. Verdade é que as pancadas no interior da madeira também podem ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser simuladas, o que, aliás, nada prova contra elas. (Veja-se, no fim deste volume, o capítulo intitulado: Fraudes e embustes.)

Quaisquer, porém, que sejam os aperfeiçoamentos que se possam introduzir nessa maneira de proceder, jamais se conseguirá fazê-la alcançar a rapidez e a facilidade que apresenta a escrita, razão por que, presentemente, já é pouco empregada. Ela, no entanto, é, às vezes, interessantíssima, do ponto de vista do fenômeno, sobretudo para os novatos, e tem, principalmente, a vantagem de provar, de forma peremptória, a absoluta independência do pensamento do médium. Assim se obtêm, não raro, respostas tão imprevistas, de tão flagrantes a propósito, que só uma prevenção bastante determinada será capaz de impedir que os assistentes se rendam à evidência. Daí vem que esse processo constitui, para muitas pessoas, forte motivo de convicção. Mas, seja ele o empregado, seja qualquer outro, em caso algum os Espíritos se mostram dispostos a prestar-se aos caprichos dos curiosos, que pretendam experimentá-los por meio de questões despropositadas.

143. Com o fim de melhor garantir a independência ao pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos em forma de quadrantes, sobre os quais se traçam as letras, à maneira dos quadrantes do telégrafo elétrico. Uma agulha móvel, que a influência do médium põe em movimento, mediante um fio condutor e uma polia, indica as letras. Esses instrumentos só os conhecemos pelos desenhos e descrições que têm sido publicados na América. Nada, pois, podemos dizer do valor deles; temos porém, para nós, que a só complicação que denotam constitui um inconveniente; que a independência do médium se comprova perfeitamente pelas pancadas interiores e, ainda melhor, pelo imprevisto das respostas, do que por todos os meios

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XI)

materiais. Acresce que os incrédulos, sempre dispostos que estão a ver por toda parte artifícios e arranjos, muito mais inclinados hão de estar a supô-los num mecanismo especial, do que na primeira mesa de que se lance mão, livre de todo e qualquer acessório.

144. Um aparelho mais simples, porém, do qual a má-fé pode abusar facilmente, conforme veremos no capítulo das Fraudes, é o que designaremos sob o nome de Mesa- -Girardin, tendo em atenção o uso que fazia dele a Sra. Emílio de Girardin nas numerosas comunicações que obtinha como médium. Porque, essa senhora, se bem fosse uma mulher de espírito, tinha a fraqueza de crer nos Espíritos e nas suas manifestações. Consiste o instrumento num tampo móvel de mesa, com o diâmetro de trinta a quarenta centímetros, girando livre e facilmente em torno de um eixo, como uma roleta. Sobre sua superfície e acompanhando-lhe a circunferência, se acham traçados, como sobre um quadrante, as letras do alfabeto, os algarismos e as palavras **sim** e **não**. Ao centro existe uma agulha fixa. Pousando o médium os dedos na borda do disco móvel, este gira e pára, quando a letra desejada está sob a agulha. Escrevem-se, umas após outras, as letras indicadas e formam-se assim, muito rapidamente, as palavras e as frases.

É de notar-se que o disco não desliza sob os dedos do médium; que os seus dedos, conservando-se apoiados nele, lhe acompanham o movimento. Talvez que um médium poderoso consiga obter um movimento independente. Julgámo-lo possível, mas nunca o observamos. Se se pudesse fazer a experiência dessa maneira, infinitamente mais probante ela seria, porque eliminaria toda possibilidade de embuste.

145. Resta-nos destruir um erro assaz espalhado: o de confundirem-se com os Espíritos batedores todos os Espíritos que se comunicam por meio de pancadas. A tiptologia constitui um meio de comunicação como qualquer outro, e que não é, mais do que o da escrita, ou da palavra, indigno dos Espíritos elevados. Todos os Espíritos, bons e maus, podem servir-se dele, como dos diversos outros existentes. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação das idéias e não o instrumento de que se utilizem para exprimi-las. Sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e, sobretudo, mais rápidos; mas, em falta de lápis e papel, não escrupularão de valer-se da vulgar mesa falante e a prova é que, por esse meio, se obtém os mais sublimes ditados. Se dele não nos servimos, não é porque o consideremos desprezível, porém unicamente porque, como fenómeno, já nos ensinou tudo o que pudéramos vir a saber, nada mais lhe sendo possível acrescentar às nossas convicções, e porque a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez com a qual é incompatível a tiptologia.

Assim, pois, nem todos os Espíritos que se manifestam por pancadas são batedores. Este qualificativo deve ser reservado para os que poderíamos chamar batedores de profissão e que, por este meio, se deleitam em pregar partidas, para divertimentos de umas tantas pessoas, em aborrecer com as suas importunações. Pode-se esperar que algumas vezes deem coisas espirituosas; porém, coisas profundas, nunca. Seria, conseqüentemente, perder tempo formular-lhes questões de certo porte científico, ou filosófico. A ignorância e a inferioridade que lhes são peculiares deram motivo a que, com justeza, os outros Espíritos os qualificassem de palhaços, ou saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos que, além de agirem quase sempre por conta própria, também são amiúde instrumentos de que lançam mão os Espíritos superiores, quando querem produzir efeitos materiais.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

I. Sematologia e Tiptologia.

Sematologia e Tiptologia.

A **sematologia** ou linguagem dos sinais e a **tiptologia** que é a linguagem das pancadas foram os meios de comunicações utilizados pelos Espíritos para fazerem as primeiras manifestações inteligentes. Utilizava-se, então, mesinha redonda, com um eixo central como pé, de cuja extremidade saíam três pés recurvos. Era um meio primitivo e oferecia recursos muito limitados, sendo que as comunicações obtidas por esse meio se reduziam às respostas monossilábicas por **sim** ou **não**, através de um número convencional de golpes. Os golpes eram produzidos duas maneiras, por médiuns com aptidão para manifestações físicas.

A primeira chamada **tiptologia basculante**, consistia no movimento da mesa que se elevava de um lado e cai batendo um pé. Para isso era necessário que o médium pousasse as mãos na borda da mesa e, caso quisesse conversar com determinado Espírito, era necessário fazer a evocação. Caso contrário manifestava-se o que chegasse primeiro ou que estivesse habituado a fazê-lo. Convencionava-se, por exemplo, um golpe para o sim e dois para o não.

Notava-se quando empregado esse meio que o Espírito comunicante usava também de uma espécie de mímica, isto é, exprimia a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também exprimia a natureza dos sentimentos que o animavam: a violência, por movimentos bruscos; a cólera e a impaciência, batendo repetidamente fortes pancadas, como uma pessoa que bate arrebatadamente com os pés, chegando às vezes a atirar ao chão a mesa. Se era amável e delicado, inclinava, no começo e no fim da sessão, a mesa, à guisa de saudação. Se queria dirigir-se diretamente a um dos assistentes, para ele encaminhava a mesa com brandura, ou violência, conforme desejava testemunhar-lhe afeição ou antipatia.

Relata Allan Kardec um exemplo ocorrido em sua sala de visitas, onde muitas pessoas se ocupavam com as manifestações, e um senhor do seu conhecimento recebeu uma carta sua. Enquanto a lia, a mesa que servia para as experiências veio repentinamente colocar-se-lhe ao lado. Concluída a leitura da carta, ele a foi colocar sobre uma outra mesa, do lado oposto da sala. Aquela mesa o acompanhou e se dirigiu para onde estava a carta. Surpreendido com essa coincidência, calculou o destinatário da carta que entre esta e aquele movimento havia alguma relação e interrogou a respeito o Espírito, que respondeu ser um Espírito familiar do Codificador. Informado do ocorrido, perguntou Allan Kardec a esse Espírito qual o motivo da visita que fizera àquele senhor. A resposta foi: "É natural que eu visite as pessoas com que te achas em relações, a fim de poder, se for preciso, dar-te, assim como a elas, os avisos necessários". Afirma Allan Kardec que era, pois, evidente que o Espírito quisera chamar a atenção da pessoa referida e procurava uma ocasião de cientificá-la de que estava lá.

A tiptologia aperfeiçoou-se, transformando-se na tiptologia alfabética, que consistia em fazer indicar as letras por meio de pancadas, cuja quantidade correspondia a uma determinada letra, ou seja: uma pancada para a, duas para b e assim por diante, enquanto alguém registrava as letras indicadas. Esse procedimento era muito demorado e levou ao emprego de um alfabeto e uma série de números que eram apontados enquanto o médium movimentava a mesa sob a ação do Espírito comunicante.

Outra forma de se produzir as pancadas era através da tiptologia interna, isto é, através de golpes dados no interior da madeira da mesa, sem qualquer movimento exterior, conforme vimos no estudo – Cap. II Manifestações Físicas e Mesas Girantes.

Afirma Allan Kardec que apesar de todos os aperfeiçoamentos introduzidos nesses sistemas, eles jamais poderiam atingir a rapidez e a facilidade da escrita, pelo que se deixou de usá-los. Torna-se interessante aos novatos interessados pelos aspectos fenomênicos, mas lembra que os

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XI)

Espíritos não gostam de submeter-se ao capricho de curiosos que desejam pô-los à prova com perguntas fora de propósito.

Diz ainda o Codificador que, com o objetivo de garantir a independência ao pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos em forma de quadrantes, sobre os quais se traçam as letras, à maneira dos quadrantes do telégrafo elétrico. Uma agulha móvel, que a influência do médium põe em movimento, mediante um fio condutor e uma polia, indica as letras. Esses instrumentos são conhecidos através de desenhos e descrições que foram publicados na América. Nada, pois, podemos dizer do valor deles; mas parece que a complicação é um inconveniente; que a independência do médium se comprova perfeitamente pelas pancadas interiores e, ainda melhor, pelo imprevisto das respostas, do que por todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos, sempre dispostos a ver por toda parte artifícios e arranjos, desconfiarão muito mais de um mecanismo especial do que de uma mesinha desprovida de qualquer acessório.

É preciso desfazer-se um erro comum: o de confundirem-se com os Espíritos batedores todos os Espíritos que se comunicam por meio de pancadas. A tipologia constitui um meio de comunicação como qualquer outro, e que não é, mais do que o da escrita, ou da palavra, indigno dos Espíritos elevados. Todos os Espíritos, bons e maus, podem servir-se dele, como dos diversos outros existentes. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação das idéias e não o instrumento de que se utilizem para exprimi-las. Sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e, sobretudo, mais rápidos; mas, em falta de lápis e papel, não terão escrúpulos em usar a vulgar mesa falante e a prova é que, por esse meio, se obtém os mais sublimes ditados. Se dele não nos servimos, não é porque o consideremos desprezível, porém unicamente porque, como fenômeno, já nos ensinou tudo o que podíamos saber, nada mais lhe sendo possível acrescentar às nossas convicções, e porque a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez com a qual é incompatível a tipologia.

Assim, pois, nem todos os Espíritos que se manifestam por pancadas são batedores. Este qualificativo deve ser reservado para os que poderíamos chamar batedores de profissão e que, por este meio, se divertem em pregar peças, para divertimentos de umas tantas pessoas, em aborrecer com as suas importunações. Pode-se esperar que algumas vezes ditos espirituosos; porém, coisas profundas, nunca. Seria, conseqüentemente, perder tempo formular-lhes questões de certo porte científico, ou filosófico. A ignorância e a inferioridade que lhes são peculiares deram motivo a que, com justeza, os outros Espíritos os qualificassem de palhaços, ou saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos que, além de agirem quase sempre por conta própria, também, frequentemente, são instrumentos de que lançam mão os Espíritos superiores, quando querem produzir efeitos materiais.

Concluimos o estudo do capítulo XI transcrevendo nota do tradutor, o Prof. José Herculano Pires: “Muitos outros meios de comunicação foram inventados na Europa e na América, o que atesta a naturalidade e constância das relações entre os Espíritos e os Homens. Aparelhos complicados foram e continuam a ser inventados. Alguns cientistas e curiosos procuram descobrir meios mecânicos, elétricos, eletrônicos e outros de comunicação direta com os Espíritos. Mas, como Kardec acentua no capítulo acima, essas complicações têm utilidade relativa e aumentam a desconfiança dos céticos. Dispensar a mediunidade, excluir o intermediário humano é outra preocupação de pessoas interessadas no aspecto puramente científico do Espiritismo. Mas as comunicações dependem como a Doutrina esclarece, da inter-relação psíquica, de Espírito a Espírito, através dos elementos constitutivos do perispírito. As máquinas só podem servir como instrumentos acionados por médiuns. E a independência do Espírito comunicante se prova melhor através dos meios naturais de comunicação, como acentua Kardec. É o aperfeiçoamento do homem como médium, e não o aprimoramento dos processos ou a invenção de máquinas para comunicação, o que tornará cada vez mais evidente a existência e comunicabilidade dos Espíritos.”

Tereza Cristina D'Alessandro - Agosto / 2005